

PINTURA AO AR LIVRE

A manhã abre lentamente seus olhos luminosos sobre o mundo. Olhos de luz e beleza. E alguns seres humanos, os criativos, sobretudo os “poetas pictóricos”, são capazes de devolver esse olhar e, mais que isso, de fixá-lo para sempre sob a forma de pintura ao ar livre.

Elas e eles chegam cedo, aproveitando a caprichosa inclinação da luz, só oferecida no início e no fim do dia. Chegam carregados: cavaletes, telas, pranchetas, cadernos, tintas, pincéis, lápis, carvão – uma delicada coleção de utensílios e instrumentos para produzir beleza. E, sobretudo, trazem consigo um instrumento mágico por excelência: seu olhar de pintores que escolhem ruas e praças como seu ateliê – uma oficina de arte mergulhada no cotidiano da cidade.

Longe de terem a tranqüilidade de um estúdio silencioso, calmo, limpo, invadido por um luz ideal vinda de uma ampla janela e, predominantemente, da direita e de cima, têm por escolha consciente a própria confusão das ruas.

Quem pinta sob uma ótica “pastoral”, em campos verdejantes, à beira de riachos ou lagos, em fazendas ou cidadezinhas pacatas, transporta a calma dos ateliês para o mundo lá fora. Quem pinta ao ar livre nas ruas e praças das grandes cidades, não.

Esses pintores têm a capacidade artística de driblar o duro realismo do cotidiano. Além do motivo que elegem para retratar, vêem também diante de si os carros em movimento ou estacionados; os ônibus, que trafegam soltando sua fumaça preta; o lixo, nas caçambas feias ou simplesmente espalhado nas ruas e calçadas pela falta de educação; árvores com galharia sem poda, que muitas vezes escondem o melhor ângulo daquela igreja, deste casario...

Os que pintam ao ar livre transmudam tudo isso, pois conseguem captar o essencial, excluindo o supérfluo ou o indesejável em termos artísticos. Além das formas, também as cores mudam tudo, realçando esta janela aqui, aquele monumento ali, um banco de praça acolá. Flores num quiosque desprezioso transformam-se num conjunto que explode em cores, a ponto de quase se poder sentir seu perfume; telhados nos encantam com tonalidades que vão da cor escura de barro a um quase laranja de telhas banhadas pelo sol; velas de barcos, e os próprios barcos, numa marina, mostram-se como um conjunto radioso de brancos, azuis, laranjas, vermelhos; jardins públicos quase sempre mal cuidados ganham coloridos de flores e o verdejante de folhagens.

Lá estão os que pintam ao ar livre. Mergulhados em sua criação, distraídos, não se furtam a sair de seu muito interior de criação para satisfazer a curiosidade de quem passa e faz perguntas. E continuam a olhar e pintar, renovando a milenar mágica dos traços e das cores que fixam e recriam o mundo à sua volta. As mãos continuam a fazer traços precisos, a pincelar com destreza.

Quando virem nas ruas um desses grupos, parem e observem, pois vale a pena. A heterogeneidade é flagrante: idosos e jovens, gente de variada aparência; uns com talento mais do que evidente; outros lutando para

associar vontade ou vocação com o aprendizado técnico. Diferentes, porém irmanados no amor à arte e no prazer de pintar ao ar livre.

A presença desses pintores e pintoras nas ruas e praças lembra-nos que sempre vale a pena cultivar e perpetuar a beleza – onde quer que ela esteja.